

Dr. Tempestade

A dramatic scene with a lightning bolt striking a church silhouette against a dark, stormy sky. The lightning bolt is bright and jagged, illuminating the church and the surrounding landscape. The sky is dark and cloudy, with other faint lightning bolts visible in the background. The overall mood is intense and powerful.

Comédia de
WILLIAM MENDONÇA

DR. TEMPESTADE

de William Mendonça

Comédia de humor negro e ficção científica
escrita por William Mendonça.
Texto inédito

® Todos os direitos reservados

E-book criado por William Mendonça

O autor autoriza a distribuição gratuita
desde que o conteúdo não seja alterado
e que seja citada a autoria e a fonte.
Montagens apenas com expressa autorização do autor.

Mendonça, William Pereira de (1968 -)
DR. TEMPESTADE
Tanguá-RJ: Edições Cia. de Duques
72 p.; 12 x12 cm
1 - Teatro, comédia, ficção científica

Publicado no site do autor em 30/09/2011
www.williammendonca.com

Contatos para montagens: will_mendonca@yahoo.com.br

DR. TEMPESTADE

ÍNDICE

5 - Sobre a peça

24 - 1º ato

87 - 2º ato

47 - 3º ato

68 - Epílogo

69 - Sobre o autor

SOBRE A PEÇA

DR. TEMPESTADE

A comédia de humor negro DR. TEMPESTADE é a adaptação para teatro de um conto homônimo escrito por William Mendonça em 1991. A idéia de levar o cientista louco Jules D´Nantes - que inventa uma máquina para controlar o clima do mundo - ao palco surgiu seis anos depois.

O autor sempre considerou o conto um dos mais interessantes que havia escrito - por ser uma homenagem a Júlio Verne, por trazer a figura de um mal humorado cientista louco, que detesta políticos, jornalistas e sacerdotes, e por abordar o conflitos que afetam a vida moderna, como ciência versus religião, políticos versus povo, etc.

Tudo é tratado com extrema ironia, desde o dilúvio que toma conta do mundo até o final surpreendente do personagem que quis levar a paz ao mundo, controlando o seu clima. É um texto ainda inédito. O conto original pode ser encontrado no livro **“Viajante Noturno”**, de William Mendonça, disponível para download gratuito em **www.williammendonca.com**.

Para Júlio Verne e
os pioneiros da ficção científica
- Mary Shelley, Edgar Allan Poe,
H. G. Wells e tantos outros.

Para Ray Bradbury, Isaac Asimov,
Phillip K. Dick e Orson Scott Card,
meus mestres.

Para Connie Willis, que me mostrou
que humor e ironia têm tudo a ver
com ficção científica, com seu conto
“Muito barulho por nada”.

Para todos os fãs de Star Trek,
meus irmãos.

1º ATO

(Varanda da casa de Jules, em uma rua tranqüila de Avant-Garde - um vilarejo do interior da França. Jules está recostado em uma espreguiçadeira. É um senhor de uma elegância fora de época. Fuma um charuto)

NICO: (entra pedalando, com jornais na mão) Olá, senhor Jules!

JULES: Nico! Finalmente a chuva deu uma folga para você, heim!?

NICO: (Joga o jornal. Jules pega) É! Eu não agüentava mais. 129 dias entregando jornal debaixo de chuva foi terrível - eu quase pedi um bote pro patrão.

JULES: Mas não comemore muito não, meu rapaz. Nunca se sabe quando a chuva pode voltar.

NICO: E o senhor acha que o dilúvio ainda não terminou?

JULES: (levantando-se) Tenho um palpite de que a confusão está apenas começando. Afinal, continua chovendo no mundo todo.

NICO: É mesmo!?

JULES: Deu no rádio! Só aqui em Avant-Garde é que a água parou de cair.

NICO: Então é bom eu aproveitar para entregar o resto dos jornais, antes que o tempo mude ...

JULES: Até logo, então ...

NICO: (saindo) Até!

(Jules abre o jornal, senta-se novamente e começa a folheá-lo, enfadado)

JULES: (resmungando) Como são tolos os jornalistas - fuçam escândalos como porcos, mas não conseguem ver a verdade bem na ponta do nariz. Daqui a pouco a vila vai estar cheia deles, revelando “histórias sensacionais da vila onde a chuva parou” (ironiza). É ridículo! (larga o jornal de lado) Estou perdendo o meu tempo! (outro tom) Pior que os jornalistas, só os políticos ... (prepara-se para entrar em casa, quando chega à sua porta o prefeito Saint-Clair)

SAINT-CLAIR: (tentando ser simpático) Caro Jules, vejo que está aproveitando o estio ...

JULES: (voltando-se, contrariado) Prefeito Saint-Clair ... eu devia

saber que depois da bonança sempre vem a tempestade. Só um político tão podre como você para estragar o meu dia!

SAINT-CLAIR: Nossa! Você é o eleitor mais mal humorado desta cidade ...

JULES: Eleitor não, prefeito - CON-TRI-BU-IN-TE! Meu voto, você sabe bem que nunca o teve.

SAINT-CLAIR: Mas que necessidade de ser desagradável! Depois de 129 dias de chuva ininterrupta, quando nem Deus sonhava em fazer o sol brilhar de novo, você consegue continuar cinzento e soturno como sempre. Sorria, meu caro, nossa cidade é notícia!

JULES: Então, porque você não pega o carro oficial e desfila pelas ruas como um presidente? Vá de casa em casa dizendo que a chuva só parou quando você teve uma conversinha reservada com Deus ...

SAINT-CLAIR: (controlando a raiva) Desisto, Jules! Você é o mais insolente ser humano que já vi!

JULES: Pelo menos sou humano.

SAINT-CLAIR: (perdendo o controle) O que você quer dizer?

JULES: Que é melhor você ir embora com a chuva e me deixar em paz.

SAINT-CLAIR: (saindo) Pois então fique com sua varanda imunda, Jules! Não sei porque perco meu tempo com você, quando tenho tantos outros contribuintes para ver!

JULES: Eleitores, Saint-Clair, eleitores! (ri, estrondosamente, sentindo que venceu o duelo) Ora, ora, essa é talvez a melhor diversão da minha aposentadoria! (entra em casa, no momento em que a rua começa a encher. Algumas pessoas - gente simples do povo - entram, aturdidadas com o fim da chuva, olhando para o céu. Um religioso, vendo ao encontro, aproveita para pregar)

PASTOR: Irmãos, irmãos! Aproximem-se, venham conhecer as palavras da salvação! (as pessoas se aglomeram em torno do pastor) Em todo o mundo, as religiões rezam, pregam, esperam o fim da chuva, mas foi aqui, em Avant-Garde, que o dilúvio mandado pelo Senhor achou de parar. E sabem qual o motivo?

TODOS: Não!

PASTOR: Porque aqui, neste vilarejo perdido, longe da corrupção do mundo de hoje e livre da maldição das grandes cidades, nós estamos mais perto de Deus. Nós temos a fé genuína, que remove

montanhas - a mesma que fez com que o dilúvio parasse. Por isso eu peço que repitam, com alegria - Aleluia!

TODOS: Aleluia! Aleluia! (Jules chega até a porta de casa e faz um gesto de reprovação à manifestação)

JULES: “Mais oui!”, meu caro pastor ... que maravilha! Aproveite agora para pedir o dízimo que sustentou sua vida de luxo durante esses dias, enquanto esse povo humilde enfrentou a chuva só com a cara e a coragem!

PASTOR: (decepcionado) Ah! É você, Jules ... Será que uma vida tão longa não colocou em seu coração nem um pouco de respeito por Deus?

JULES: Tanto quanto em você, pastor. Afinal, somos feitos do mesmo barro, não é mesmo?

PASTOR: Mas de fôrmas diferentes ...

JULES: (rindo) Ora, não se orgulhe disso. Tenho certeza de que eu saí ganhando!

PASTOR: (para o povo) Vejam, irmãos, uma ovelha descrente, desgarrada!

JULES: (olha em volta, ironizando) Onde? Onde?

PASTOR: Faça-me o favor, Jules! Quanto tempo será preciso para que você acredite em Deus?

JULES: Já disse, pastor - o mesmo que para você.

PASTOR: (para todos) Vêem!?! Ele me tenta, como um demônio. É um homem possuído!

JULES: Enquanto você é um homem de posses. Deus foi generoso contigo, assim como seus fiéis.

PASTOR: Não me insulte!

JULES: Então dê a outra face ... Vamos, eu estou apenas começando!

PASTOR: Que arrogância!

JULES: Que idiotice! Um dia, pastor, suas ovelhas vão se perguntar porque somente elas enchem o caixa, enquanto você o esvazia ...

PASTOR: Como se atreve!?!...

JULES: Eles verão, enquanto o mundo inteiro morre sob as águas,

que Avant-Garde é um lugar amaldiçoado, por ser o único resto dessa civilização morta.

PASTOR: (recuperando o discurso) Pois virá a nova Arca, e os justos sobreviverão!

JULES: (rindo) Pois então prepare sua bóia, pastor. Na Arca não há lugar para você!

PASTOR: Não suporto mais isso!

JULES: Deixe a minha casa em paz! Eu não pedi para você pousar aqui com seu discurso bíblico de botequim. Há lugares mais apropriados para suas pregações ... o banco de Saint-Clair, por exemplo, é logo ali na esquina!

PASTOR: (saindo, indignado) Vamos, irmãos! (a maioria sai, mas um jovem camponês fica, pensativo. Jules senta-se, como se esperasse por alguém)

JOVEM: (para Jules) É verdade?

JULES: O que, rapaz?

JOVEM: Que só Avant-Garde está com o sol, em todo o mundo?

JULES: Ligue o rádio! É o que se diz ...

JOVEM: (triste) Minha mãe vive em Paris - trabalha por lá ... De que adianta eu estar alegre, se pra ela a chuva continua?

JULES: (dando de ombros) Pergunte ao pastor ...

JOVEM: Mas o senhor disse que ele é injusto.

JULES: Se fosse justo, dividiria o que tem com você e com todos os “irmãos” que o seguem, como você, nesse período difícil que todos passaram. Me responda: o que você tinha na mesa, quando os campos ficaram inundados?

JOVEM: ???

JULES: Nada, provavelmente. Mas na casa do pastor, ninguém passou fome - muito pelo contrário.

JOVEM: Então não adianta ... (fica cabisbaixo. Jules também se entristece) Se Deus não vier nos ajudar, quem virá?

JULES: A Ciência, meu filho, a Ciência! (o rapaz vai saindo, sem dar muita atenção às palavras de Jules, mas ele continua) A Ciência sempre sabe. Em todo o mundo, agora, os cientistas trabalham, esgotam as hipóteses para as causas desse dilúvio. Cedo ou tarde,

irão descobrir o que houve ... Preciso me preparar ...

(Entra apressadamente uma equipe de TV, procurando o melhor ângulo para filmar. A repórter comanda o grupo. Jules, que ia sair, fica na varanda e observa)

MARIE (REPÓRTER): Maravilha, gente! Parece que fomos os primeiros a chegar ...

HENRI (CÂMERA): Muita sorte, heim, Marie. Vamos dar o maior furo.

NIKITA (PRODUTORA): Sorte, nada, Henri - competência! Eu vi na hora que a dica era boa. Uma vilazinha perdida como essa, há tanto tempo sem chuva. Quem diria ...

MARIE: É! Mas vamos parar de conversa e agir, antes que a equipe do canal 12 apareça - senão a gente perde o furo.

HENRI: E o emprego ...

NIKITA: Certo! Henri, procure uns bons ângulos por aí. Eu vou marcar uma entrevista com o prefeito - se é que esse lugar tem um ...

MARIE: Não, não! Vamos fazer uma tomada logo aqui e mandar

ao vivo para a emissora. A gente não tem tempo pra ficar estudando o melhor ângulo não. Pega daqui mesmo, com aquela casa ali no fundo.

HENRI: Tá bom! (Henri e Nikita se posicionam. Nikita se comunica com a rede, com um celular)

NIKITA: Central, estamos prontos por aqui. Precisamos de um flash ao vivo. (pausa) É, Maurice, não enrola senão chega outro canal por aqui. A vila está sem chuva mesmo. Tá, tudo bem. Marie, a central tá pronta. Vai no improviso!

MARIE: Sem problemas ...

NIKITA: Tudo certo aí? (os dois acenam, positivamente) Atenção! Vamos entrar! 3, 2, 1, vai!

MARIE: Aqui fala Marie Duchamp, direto de Avant-Garde, o vilarejo ao norte do país em que a chuva parou há (pausa para olhar o relógio) exatos 53 minutos. É o maior período de estiagem em todo o mundo, durante os 129 dias de chuva que estão causando prejuízos incalculáveis às nações. Já está prevista a chega de observadores da ONU e do governo francês a Avant-Garde nas próximas horas, assim como os técnicos do Instituto de Estudos Meteorológicos de Paris, para analisarem os motivos da estiagem nesta região. Voltaremos a qualquer momento, com novas

informações. Marie Duchamp, de Avant-Garde, para o PLANTÃO 9. (pausa)

NIKITA: É isso aí! Beleza, menina, deu o recado!

JULES: (que observava até então, não se contém) A capacidade dos jornalistas de sintetizarem assuntos tão complexos me espanta ...

MARIE: (virando-se) Ora, um morador! Até que enfim, pensei que Avant-Garde fosse uma cidade fantasma.

JULES: Quase ... ela sequer aparece nos melhores mapas da França.

MARIE: Realmente foi difícil encontrar ... mas, de qualquer forma, agradeço o elogio.

JULES: Elogio? Não, senhorita, desculpe-me mas não lhe fiz nenhum elogio.

MARIE: Como?

JULES: É que tenho uma série de informações sobre a estiagem e, devo confessar que seu resumo dos fatos foi, no mínimo, pueril.

MARIE: Ora, não foi bem ...

JULES: (interrompendo) Mas não me leve a mal. Entre e poderemos conversar mais à vontade.

NIKITA: (alertando) Marie, ainda temos que percorrer a cidade!

MARIE: Vá você com o Henri, e marque a tal entrevista com o prefeito ...

JULES: Saint-Clair ... prefeito Saint-Clair ... ele vai adorar a sua visita - (ironiza) pena que não é muito fotogênico.

MARIE: Pois é! Vá lá, e garanta exclusividade.

NIKITA: Tudo bem ... Vamos, Henri! (os dois saem, com o equipamento, enquanto Marie vai para a varanda de Jules)

JULES: Sinceramente, acho que a senhorita resumiu tanto os fatos que acabou não dizendo nada. Em que interessa para alguém na Austrália, ou mesmo em Paris, se este lugar esquecido está seco, para variar?

MARIE: Ora, senhor ...

JULES: ... Jules, Jules D'Nantes.

MARIE: Bem, senhor Jules, o mundo quer notícias, quer informação!

JULES: De maneira nenhuma! O mundo quer pão, quer saúde, quer justiça - só vocês, jornalistas, querem notícias.

MARIE: O senhor é extremamente parcial ...

JULES: Um observador sem meias verdades! A Imprensa é um mal estarecedor para o mundo!

MARIE: (fazendo menção de se retirar) Estou perdendo o meu tempo!

JULES: Absolutamente! Eu não a convidei para atacar a imprensa. Essa é uma de minhas diversões favoritas, mas agora falo sério ...

MARIE: (impaciente) E o que é, então?

JULES: Tenho um recado para mandar, e você me pareceu a pessoa ideal para enviá-lo.

MARIE: (decepcionada) Ora, faça-me o favor! use o Correio!

JULES: Quero entregar aos líderes do mundo minhas exigências para que a chuva pare.

MARIE: Ahn!?

JULES: (tira um papel do bolso do paletó) São três itens.

MARIE: Espera aí!

JULES: Preciso que você me coloque no ar, para que eu fale com o mundo!

MARIE: (indignada) Há! Há! Há! Essa é boa, um maluco completo querendo mandar um recado para o chanceler da ONU, o Papa, o Dalai-Lama e companhia!

JULES: Quase isso!

MARIE: Era o que me faltava. Vir para esse fim de mundo e ainda aturar uma dessas. É o cúmulo!

JULES: Cúmulo foi não terem acreditado nas teorias de Galileu, Edson, Einsten e dezenas de outros cientistas. Cúmulo foi o mundo ser dominado pela informática, fazer Bill Gates milionário e, ainda assim, a família do pai da computação ter terminado na miséria! Não, minha cara, não me fale em cúmulos, que isto me lembra chuva ...

MARIE: Pois é! E era do que eu deveria estar tratando, ao invés de estar dando ouvidos a um velho esclerosado.

JULES: (jogando) Bem, se é o que você acha, darei o furo de reportagem a outra equipe que chegar aqui ...

MARIE: E quem dará ouvidos a essas sandices?

JULES: Qualquer pessoa que tenha o verdadeiro espírito fuchiqueiro dos jornalistas ... E, afinal, moça, o que você teria a perder?

MARIE: A minha reputação profissional, por exemplo ...

JULES: Mas isso você perdeu quando escolheu ser jornalista ...

MARIE: Mas por que o senhor insulta a minha classe desta forma?

JULES: Porque na única vez na vida em que fui notícia, fui desmoralizado, pisado e insultado por *sua classe!* A minha maior descoberta foi ridicularizada. (ironiza) Afinal, quem acreditaria em uma máquina controladora do clima?

MARIE: O senhor mesmo está vendo o absurdo da coisa ...

JULES: (envolvido) Mas eu tinha provas, experiências documentadas - tudo! Mesmo assim, fui entregue ao escárnio por

essa corja - a ponto de ter sido obrigado a me retirar para esta cidadezinha perdida e começar uma nova vida, aparentemente ...

MARIE: Mas se foi um erro, o senhor deveria ter protestado, mostrado a verdade ...

JULES: Pois é o que estou fazendo nos últimos 129 dias. Minha máquina - construída com a dedicação de uma vida - é que está provocando este dilúvio.

MARIE: Eu não consigo acreditar ...

JULES: Então me diga onde sua família mora, e eu mandarei um tornado daqueles que só se vê na Flórida.

MARIE: (assustada) Nossa! Que espécie de terrorismo é essa!?

JULES: A vingança da Ciência, minha cara - e você terá a oportunidade de testemunhá-la!

MARIE: (levanta-se e roda pela varanda) Meu Deus, onde eu fui me meter!

JULES: (em tom profético) Num dos momentos mais importantes da História - o início da definitiva Era da Ciência!

MARIE: (confusa) Não posso compreender - é muita loucura junta ...

JULES: Não se preocupe. Vou levá-la ao porão. Você verá a máquina do clima em funcionamento e acreditará em mim!

2º ATO

(Porão da casa de Jules. Vê-se ao fundo a máquina do clima - como uma das máquinas birutas dos livros de Julio Verne. Um quadro negro, com fórmulas escritas. Uma escrivaninha com papéis desorganizados. Equipamentos científicos espalhados. Um computador.)

JULES: (entrando com Marie) Essa é minha verdadeira casa. Passo mais tempo neste porão que em qualquer outro lugar, isso há vários anos.

MARIE: (entra, para na porta e se espanta com a máquina) O ... O ... O que é ... aquilo!?

JULES: Ah! (alegra-se) Essa é a minha companheira, aquela que está provocando tanto rebuliço no mundo todo. Cara repórter, eis a minha máquina do clima!

MARIE: Essa ... coisa!? Parece uma escultura rococó!

JULES: É o meu estilo - demodê. Sou um cientista apaixonado, minha cara - do tipo antigo, como naqueles filmes e livros do passado.

MARIE: Eu não posso acreditar que ... isso ... possa fazer tanto estrago.

JULES: Não se engane pela aparência. É um mecanismo moderno, e altamente eficiente. Mas sente-se, senhorita. Quero provar, de fato, o que digo. (Marie senta-se, ainda atônita, enquanto Jules reúne uns papéis na escrivaninha). A minha teoria de controle do clima, que foi ridicularizada pelos jornalistas, é algo tão simples, mas tão simples, que qualquer pessoa mais atenta já poderia tê-la descoberto ...

MARIE: Mas foi o senhor que a descobriu ...

JULES: Sim, é a vantagem de um QI superior.

MARIE: Sei, sei ...

JULES: A coisa, em resumo, é a seguinte: há alguns fatores básicos que influenciam o clima em cada região - como partes de uma operação matemática. Basta que se combine esses fatores, na ordem certa, para se obter o resultado desejado, em qualquer ocasião.

MARIE: (faz cara de que entendeu, e, após uma pausa, pergunta) Ahn ... Como assim?

JULES: (balança a cabeça, decepcionado) É simples, minha filha! Basta estudar as condições climáticas por um longo período, relacionando os resultados com as causas, e podemos provocar o mesmo resultado, a qualquer momento, se reproduzirmos as mesmas causas. Entendeu?

MARIE: (abre um sorriso, como se finalmente entendesse, mas confessa) Na verdade, ainda não ...

JULES: (à parte) Dai-me paciência! (volta-se para Marie, visivelmente irritado) Olha, moça, é o seguinte: imagine que você anote todas as vezes em que choveu em Paris - veja bem, é um exemplo! Então, você analisa as condições que levaram a isso: relevo, massas de ar, estação do ano, marés e muitas outras variáveis. Basta você recombina todas as causas para o ter o resultado, como numa conta de somar.

MARIE: Tudo bem. E então o senhor fez isso?

JULES: Mais, minha cara! Eu monitorei o clima no mundo inteiro, desde as aldeias da Guiné Equatorial às megalópoles americanas, e transformei o clima mundial em um singelo, mas eficiente, programa de computador.

MARIE: E? ...

JULES: Posso afirmar, hoje, que não há mudança climática que eu não possa prever com absoluta exatidão.

MARIE: (anda pelo porão) Até aí eu entendi, mas isso não significa que o senhor possa controlar o clima do mundo e provocar chuva por tanto tempo.

JULES: Isso não, mas isto sim! (aponta para a máquina) Foi nela que trabalhei, no meu retiro aqui em Avant-Garde. É com ela que a Ciência está indo à forra daqueles que a ridicularizaram. (empolga-se) A Ciência pode criar, construir, fazer mais que deuses fictícios que só existem na cabeça dos homens pobres de espírito! Se eu quiser, posso reeditar as condições climáticas dos primórdios da terra, e dar à vida uma nova chance de crescer.

MARIE: Mas, se essa ... geringonça ... é tão eficiente, por que o senhor não a colocou a serviço da humanidade - para acabar com as secas que matam animais, as geadas que destroem plantações?

JULES: Eu tentei, juro que tentei - várias vezes! Ih! Já até perdi a conta. Mas, uma teoria ridicularizada não é lá um bom cartão de visitas para um cientista. E o pior - os governos do mundo não querem resolver esses problemas - é bom para eles poder especular com a fome e a miséria dos outros!

MARIE: A ONU não deixaria de usar isso em benefício do mundo.

JULES: Nada que dê ao povo uma chance de progresso e tranquilidade material interessa às elites.

MARIE: Tudo bem ... Mas até agora só estamos chovendo no molhado.

JULES: (rindo) E o mundo todo também!

MARIE: (sem graça) É ... mas o que eu ia dizer é que até agora só tenho a sua palavra de que esse ... troço ... está provocando o dilúvio. E, me desculpe dizer, isso não vale nada.

JULES: Pois não por muito tempo. (abre um rolo com o mapa mundi) Escolha uma cidade - qualquer cidade - e diga o clima que quer. Em cinco minutos terá o que desejar.

MARIE: O senhor está mesmo convencido de que está provocando a maior catástrofe mundial desde o fim da Atlântida, não é mesmo?

JULES: (surpreso) Como disse?

MARIE: Não, nada ... (olha o mapa) Tá certo. Que tal ... Tegucigalpa, capital da Guatemala? Quero uma nevasca daquelas por lá!

JULES: Foi você que pediu! (vai ao computador e digita alguns

comandos) Mas Tegucigalpa é capital de Honduras!

MARIE: Confundi - foi mal! Também, é tanto país pequeno na América Central, que a gente nunca sabe onde estão as fronteiras. (outro tom) Deus! Minha equipe deve estar atrás de mim (pega o celular) Alô. Aqui é Marie Duchamp. Quero falar com o Gustave ... Como que Gustave!? O Editor do Jornal das Oito! Tem outro por aí? Ah! bom! ...

JULES: Contato com a emissora?

MARIE: É! Preciso saber se seu invento é tudo isso que você diz ... Alô! Gustave, é Marie Duchamp. O quê!? Não, nada disso. Escuta só: eu tô aqui com um cientista meio biruta (disfarça) que garante estar provocando o dilúvio ... Eu não fiquei louca, seu estúpido! O homem garante que é normal ... Eu só preciso que você faça uma coisa - fique monitorando Tegucigalpa ... (irrita-se) Ora, a capital de Honduras! (mais irritada) Porra, fica na América Central, Gustave! Veja se nos próximos minutos começa a nevar por lá! ...

JULES: Em exatamente dois minutos ...

MARIE: É! Em dois minutos. Cara, se começar a nevar por lá, é bom dar crédito ao tal cientista e se preparar pra bomba do século ... Me liga! (desliga)

JULES: Acalme-se, minha cara! (senta-se) Quer um chá?

MARIE: Não, obrigado! ... Mas o que o senhor quer dos líderes do mundo?

JULES: Eu!? Nada demais, só umas pequenas mudanças estruturais em seus países - uma coisinha aqui, outra ali. Ah! Mas todas as mudanças para melhor, é claro!

MARIE: Sob qual ponto de vista?

JULES: Ora ... (toca o celular)

MARIE: (ansiosa) Alô! (surpresa) Sério!? Eu não acredito! Está nevando em Honduras!? (olha para Jules, compreendendo a situação) Pelo amor de Deus, o cara tem o clima do mundo nas mãos!

JULES: A partir de agora, pode me chamar de Doutor Tempestade!

MARIE: Olha, Gustave ... ele quer fazer reivindicações aos líderes do mundo ... é um super furo! Segura a notícia. Vou para o ar em cinco minutos (desliga).

JULES: Tirou a sorte grande, Marie!

MARIE: Estou é atônita! (faz cara de avoadada) Ah! Tenho que chamar a equipe (liga do celular) Alô, Nikita? É Marie ... Vem pra cá urgente! Não comenta com ninguém, mas tenho um furo genial aqui! Estou no porão daquela casa em que entrei quando chegamos. (pausa) Não me interessa entrevista com o prefeito - nem se fosse o presidente! Larga tudo e vem pra cá! Agora! (desliga. Jules prepara um chá. Marie senta-se, caindo em si) Meu Deus, é a notícia da minha vida. Vou ganhar um Nobel, vou escrever um livro. Não, dois! Vou dar palestras, fazer seminários. Ah! Que maravilha!

JULES: Viu, você nunca imaginou que Avant-Garde reservasse tantas surpresas! (oferece o chá) Vamos, tome ... é inofensivo!

MARIE: Doutor Tempestade! É, soa bem. Tem presença! Combina com cientistas loucos ... (fica sem graça) Nada de pessoal, senhor Jules.

JULES: Ah! Sei ...

MARIE: O senhor compreende o quanto é importante uma manchete! (imagina a cena) Os jornais do mundo com “Doutor Tempestade”, por Marie Duchamp ... (entram Nikita e Henri, esbaforidos, com os equipamentos).

NIKITA: Que história é essa de furo!?

MARIE: (aponta para Jules) Está olhando pra ele!

NIKITA: (para, incrédula) Ele!? Bem, se você está dizendo ...

MARIE: Prepara tudo para entrar ao vivo! Agora, Nikita!

NIKITA: Tá bom!

MARIE: Henri, temos que mostrar essa ... josta ... aqui atrás também!

HENRI: E o que é isso?

MARIE: A máquina que está provocando o dilúvio.

HENRI e NIKITA: (descrentes) Isso aí!? Não é possível!

MARIE: É sim, e faz muito mais. Fez até nevar em Tegucigalpa ...

HENRI: Te - gu - ci - o quê!?

NIKITA: Deve ser um daqueles balneários das Bahamas?

MARIE: É a capital de Honduras!

HENRI: (admirado) Porra! Honduras ... isso deve ser longe, heim?

MARIE: (dando de ombros) Vamos, gente, preparem tudo!

JULES: Que patético! E eu precisando de vocês para dar meu recado ao mundo. A cada coisa que tenho de me submeter ...

NIKITA: Vamos ter que atuar as piadas dele também?

JULES: Não, minha filha! Se você quiser, eu dou uma entrevista pro Canal 10, ou pra BBC de Londres, e você vai para no olho da rua! Tá bom assim?

MARIE: Nikita, esquece isso!

NIKITA: Cara desagradável!

HENRI: (admirado com a máquina) Mas essa coisa é muito estranha ... (chega perto, hipnotizado) É tão ... parece coisa antiga, coisa de filme. (resolve mexer na máquina)

JULES: (impedindo que Henri toque na máquina) Pare, rapaz! Ninguém pode tocar na minha máquina.

HENRI: Eu só queria ver se isso é de verdade.

MARIE: Deixa de besteira, Henri - tá na hora de ir pro ar.

HENRI: Caramba! Esqueci ... (corre para ajustar o equipamento)

NIKITA: Contato com a Central, Marie. Se prepare!

MARIE: (ajeita a roupa, o microfone, etc) Tô pronta!

NIKITA: Atenção! 3, 2, 1 - no ar.

MARIE: Aqui fala novamente Marie Duchamp, diretamente de Avant-Garde, o lugarejo onde a chuva parou, no maior período de estiagem desde o início do ano. Estou aqui no laboratório de Jules D’Nantes, cientista que alega ser o responsável pelo dilúvio de 129 dias que assolou todo o mundo. Há poucos minutos ele deu a prova definitiva de que esse não é mais um louco tentando entrar de carona no dilúvio. O Dr. Jules - que já está sendo chamado de Dr. Tempestade - fez nevar na capital de Honduras, na América Central - uma área tropical. Dr. Tempestade, o que o levou a dar ao mundo esse longo dilúvio?

JULES: Mostrar aos líderes do mundo a sua insignificância diante da Ciência. Eu represento a Ciência, e meu invento é mais uma prova da soberania do homem sobre a ordem da natureza. A máquina controladora do clima me permite, digamos, gerenciar o clima do mundo diretamente daqui de Avant-Garde.

MARIE: E quais são as principais conseqüências disso?

JULES: Os meteorologistas vão perder seus empregos ... (ri) E os presidentes, primeiros ministros, reis e sheiks do mundo terão que se submeter à nova ordem mundial, que pretendo estruturar ...

MARIE: E de que consiste essa “nova ordem”?

JULES: De três pontos básicos: fim de todos os conflitos armados em qualquer parte do mundo; caso contrário, levarei os piores cataclismas a esses locais de conflito; liberação para a imprensa de todos os arquivos secretos das principais religiões do mundo, para que os fiéis saibam o que corre por baixo dos panos; E o fim de toda a influência perniciosa da mídia, ou seja, de programas e publicações que atentem contra a moral e a sanidade mental da humanidade ...

MARIE: (estupefata) Mas isso ... isso é ... o fim da picada!

JULES: Bem, há uma opção: é o fim da picada, ou o fim do mundo! Por mim, tanto faz ... Eu exijo a presença de uma comissão da ONU aqui em Avant-Garde, dentro das próximas horas, para a assinatura do meu tratado de paz.

MARIE: “Seu” tratado?

JULES: Exatamente! Todos os termos do tratado já foram redigidos por mim ...

MARIE: E o que o leva a crer que os líderes do mundo vão aceitar as suas condições, Doutor Tempestade?

JULES: O poder da Ciência, minha filha! A máquina do clima é a grande criação da mente humana, semeada pela sabedoria científica. Nada de deuses elementais comandando as forças da natureza! A natureza, nada mais é do que um conjunto de fórmulas matemáticas. Ela está aí para que o gênio humano a domine. Eu cheguei a um momento sublime para a Ciência: a vitória definitiva sobre a natureza. A partir de agora, apenas a própria Ciência poderá me vencer. Não me preocupo com um monte de políticos parasitas, com seus QIs abaixo da média, nem com os militares truculentos e seus agentes secretos de cinema, muito menos com os fanáticos religiosos. Todos, sem exceção, terão de se curvar à força da Ciência! É um fato irreversível.

MARIE: Mais uma última pergunta, doutor Tempestade. O senhor pretende se tornar um ditador mundial?

JULES: Eu!? De jeito nenhum! Isso é um sonho megalômano de personalidade inferiores ou psicóticas! Afora essas pequenas mudanças, não quero mais nada. Serei apenas uma sombra, pronta para cobrar se o compromisso for descumprido.

MARIE: Obrigado pela entrevista. Aguardaremos aqui para registrar a chegada da Comissão da ONU! Marie Duchamp, de Avant-Garde, para o Plantão 9. (pausa)

NIKITA: Valeu!

MARIE: Que segurança! O senhor não teme que alguma coisa dê errado?

JULES: Eu não sou ingênuo, minha filha. Já previ algumas centenas de possibilidades de seqüências para essa bola de neve que eu comecei ...

MARIE: Então, pra que se arriscar tanto?

JULES: Uma medida drástica, para que o mundo ouça o que eu tenho a dizer ... Pessoalmente, acho que serei preso mais rápido até do que você pensa ... talvez seja até executado, para não causar mais problemas. Mas já preparei uma surpresa, caso essa suspeita se confirme.

HENRI: (para Nikita) O homem é doido mesmo!

NIKITA: Eu acho que ele está falando sério! Nós estamos na mão dele e dessa geringonça aí.

HENRI: Não sei se vou me acostumar com isso.

JULES: (reunindo alguns papéis) Marie, esses papéis contam toda a história da invenção dessa máquina, desde a ridicularização da minha teoria até esse momento de glória. Há também artigos com as minhas idéias sobre a nova organização do mundo. Tome, agora são seus!

MARIE: (surpresa) Ahn!?

JULES: Eu prometi a mim mesmo que daria ao primeiro repórter que chegasse hoje a Avant-Garde a chance de contar a minha história. E você foi a felizarda. (Marie pega os papéis. Ouve-se um tumulto ainda distante e um barulho na escada para o porão. O prefeito Saint-Clair grita, fora de cena).

SAINT-CLAIR: (exaltado, fora de cena) Jules, seu louco! (entra) Que história é essa de máquina de fazer chover!? Você está querendo levar Avant-Garde ao ridículo?

JULES: Avant-Garde sempre, sempre foi ridícula! Uma cidade que escolhe um quadrúpede acerebrado para prefeito, só pode virar piada mundial.

SAINT-CLAIR: (explodindo) Do que foi que você me chamou?

JULES: Eu estava falando do seu ursinho de pelúcia, Saint-Clair. Eu seu muito bem que você é um bípede acerebrado!

SAINT-CLAIR: Ah! Eu não sei porque nunca dei um fim em você, seu, seu, seu cretino!

JULES: Ora, ora ... você está precisando reciclar os seus xingamentos, prefeito. Até uma criança de dois anos é mais criativa.

SAINT-CLAIR: Qual o motivo, Jules? Qual o motivo de tanto ódio, tanta implicância?

JULES: É que só o fato de você existir - você e toda essa escória de políticos e burocratas preparados desde a infância para governar nossas cidades e países - me dá asco, nojo, repugnância. Agora mesmo, está me dando ânsias de vômito. (imita o vômito. Os outros fazem cara de nojo e Jules explode em uma sonora gargalhada).

NIKITA: Que nojo!

MARIE: (para o prefeito) É melhor o senhor não provocar o Doutor Tempestade!

SAINT-CLAIR: (com despeito) Doutor Tempestade! Um anormal, isso sim!

MARIE: Um anormal que tem o clima do mundo na mão.

SAINT-CLAIR: Esse homem tem que ser preso! Ir para a forca, pra cadeira elétrica, tomar veneno, ser fuzilado e tudo mais. Quem faz isso com o mundo não merece estar vivo.

JULES: Pois não há nada que você possa fazer a respeito.

SAINT-CLAIR: (puxando um revólver, de repente) Fuzilar você, Jules, pra mim já é suficiente.

JULES: (outra gargalhada) Dizem que um idiota armado é muito mais perigoso do que um idiota puro e simples.

SAINT-CLAIR: Não brinque com a minha paciência!

JULES: (encontra uma cadeira, senta-se) Marie, por favor, grave mais esse pronunciamento. (Henri prepara a câmera) Saint-Clair, eu não tenho a mesma ausência de QI que a herança genética reservou para você ... Com certeza, me matar não vai resolver seus problemas.

SAINT-CLAIR: Pare de blefar!

JULES: A questão é que, em algum outro lugar de Avant-Garde há

um terminal da minha máquina, que está com todos os programas armazenados. Esse terminal está recebendo os meus sinais vitais, através de um transmissor implantado em alguma parte do meu corpo. Se eu morrer, esse terminal vai comandar a seqüência de auto-destruição da máquina. O mesmo acontece se eu me afastar mais de cinco quilômetros de Avant-Garde e o terminal parar de receber meus sinais.

SAINT-CLAIR: A-ha! Então vou matar dois coelhos com um tiro!

JULES: Na minha conta, você vai matar mais de 6 bilhões de coelhos, prefeito. Aliás, todos os animais. Só as baratas vão aguentar - elas resistem a qualquer tipo de clima e até mesmo aos políticos.

SAINT-CLAIR: Você enlouqueceu de vez!

JULES: Engano seu, prefeito! Antes de se destruir, a minha máquina vai levar o mundo a uma nova Era Glacial. Ah! e depois de instalado o programa, nem mesmo a destruição da máquina poderá impedir que o gelo tome conta do mundo.

SAINT-CLAIR: (chocado) Meu Deus!

MARIE: E se o senhor morrer de morte natural, ou mesmo num acidente?

JULES: É uma pena ... mas o efeito será o mesmo. Essa é uma medida de segurança que eu devo deixar de lado assim que tudo se acalmar. Mas, por enquanto, abaixe essa arma, Saint-Clair.

SAINT-CLAIR: (soltando a arma) É ... não tem mais jeito.

MARIE: Nikita, arruma um jeito de transmitir essa gravação agora para a central. Eles têm que botar isso no ar.

NIKITA: É pra já (sai com Henri e o equipamento)

JULES: (para Marie) Acho que subestimei você. Apesar de ser uma jornalista, você até que não é inteiramente burra - tem uma certa ... agilidade de raciocínio.

MARIE: Se isso é um elogio ...

SAINT-CLAIR: (em estado de choque) Não tem mais jeito, não tem mais jeito ... (Jules bate em suas costas)

JULES: Ih! Enguiçou! Vai ver que o prefeito era andróide. Não, não, só se fosse o andróide mais idiota da história.

MARIE: Falando sério, senhor Jules - o senhor acredita que vai ter sucesso nesse plano?

JULES: Não exatamente ...

MARIE: Como assim?

JULES: Pelo estudo das probabilidades, sinto que terei um sucesso relativo.

MARIE: Relativo?

JULES: Consegui chamar a atenção dos mundo para o poder da Ciência, e mostrar que minhas teorias estavam certas! Isso é uma vitória! Provavelmente, serei preso e julgado - e mesmo com indícios de loucura, serei condenado à morte, ou à prisão perpétua.

MARIE: E o senhor fala isso nessa calma?

JULES: Eu não tenho ...

SAINT-CLAIR: (interrompendo, enlouquecido) Você vai pagar por isso, Jules!

JULES: Fique quieto, Saint-Clair! Se não tem mais nada que fazer aqui, vá embora! Vá cuidar de seu curral eleitoral!

SAINT-CLAIR: (atônito) Eu vou ...

JULES: Você já vai tarde! (Saint-Clair vai saindo, mas é literalmente atropelado por dois agentes da Interpol, de terno e armas em punho).

ARSENE: (mostrando o distintivo) Senhor Jules D’Nantes, considere-se preso. Não resista à prisão e nada acontecerá ao senhor!

LUPIN: Somos os agentes Arsene (aponta) e Lupin, da Interpol, e devemos levá-lo a Paris imediatamente.

SAINT-CLAIR: (levantando, ainda tonto) Pensei que fossem Schwarzenegger e Stallone - que grosseria! Atropelamento dá cadeia, vocês sabiam?

ARSENE: E o senhor, quem é?

SAINT-CLAIR: (recuperando a pose) Jonah Saint-Clair, prefeito de Avant-Garde.

ARSENE: Esta cidade agora está sob jurisdição federal, até que a questão da chuva seja resolvida.

SAINT-CLAIR: Mas ...

ARSENE: Tenho aqui uma ordem assinada pelo Ministro da Defesa

e pelo superintendente da Interpol na França. Estamos decretando Estado de Alerta em Avant-Garde. O senhor deve se recolher ao escritório, e aguardar novas determinações.

SAINT-CLAIR: Mas eu ...

ARSENE: (apontando a saída) Tenha um bom dia!

JULES: Ah! Como é transitório o poder!

LUPIN: (segura Jules pelo braço) O senhor deve nos acompanhar a Paris, imediatamente.

MARIE: (atônita) Vocês não ouviram as ameaças dele?

LUPIN: O governo não negocia com loucos, senhorita. Terá que ser do nosso jeito ...

MARIE: Loucos são vocês! Eu vi o que essa máquina é capaz. Ela fez até nevar em Tegucigalpa!

ARSENE: Senhorita, essa tal de Tegucigalpa, onde quer que fique, vai ter que se acostumar com a neve, até que este celerado seja “convencido” a mudar o que fez. Ou, então, destruiremos essa máquina maldita!

MARIE: O que levaria o mundo a uma nova Era Glacial.

LUPIN: Era o quê?

JULES: Não argumente, minha amiga. Estes cavalheiros - se é que posso chamá-los assim - têm o que eu chamo de QI Aeróbico ...

MARIE: O que?

JULES: Eles raciocinam com os músculos ...

ARSENE: (para o colega) Que diabos ele está falando?

LUPIN: Alguma coisa sobre “o que é isso”, mas não entendi nada.

ARSENE: Não vamos mais perder tempo com essas conversas difíceis. Leve logo ele daqui, Lupin!

LUPIN: (puxando Jules) Vamos!

JULES: E quem ainda duvida que o homem descende do macaco!?
(os três saem. Marie senta-se, em desespero).

MARIE: Meu Deus! Uma nova Era Glacial! (outro tom) Tenho que trocar meu carro por um trenó...

3º ATO

(Black-out. Um spot focaliza o proscênio. Marie Duchamp caminha até lá, em sua postura de repórter)

MARIE: Foram quase dois anos. O processo de condenação de Jules D’Nantes, o temido Dr. Tempestade, foi transmitido para todo o mundo. Não houve apelação - nenhum advogado aceitou assumir a defesa do maior criminoso de nossa era. Mas isso não foi problema - demonstrando um conhecimento surpreendente das Leis internacionais, o próprio Dr. Tempestade cuidou de sua defesa e conseguiu estender o processo por um longo período, retardando a condenação inevitável. Há uma semana, Jules foi condenado à morte na cadeira elétrica pelo crime de levar o mundo a uma nova Era Glacial, provocando a morte de milhares de pessoas, em várias partes do globo, e prejuízos incalculáveis para a economia mundial. Pouca gente aceitou seus argumentos e seus métodos, para levar as grandes potências ao desarme completo e ao fim das guerras. (luz geral. Marie caminha, enquanto fala) Cientistas de todas as nações debruçaram-se sobre o enigma da Máquina do Clima - sem conseguir reverter seus efeitos. Jules negou-se a fazê-lo - havia destruído sua máquina durante a prisão - no entanto, entregou à comunidade científica mundial suas pesquisas, como uma chance de que outra Máquina do Clima venha a ser construída. O temido Dr. Tempestade será executado ainda hoje, mas antes nos concederá sua última entrevista.

(Jules, algemado, é conduzido até uma cadeira no centro da cena. Parece divertir-se com tudo, descontraído, apesar da situação. Cumprimenta Marie com um aceno de cabeça. São “velhos” conhecidos.)

JULES: E então, minha cara - fazendo muitos bonecos de neve no seu quintal?

MARIE: Sempre brincando, heim, Dr. Tempestade ...

JULES: É só para descontrair. Afinal, eu vou ter o raro privilégio de sentir uns segundos de calos daqui a algumas horas ... Nos dias de hoje isso é uma bênção!

MARIE: Ainda não acredito que você deixou as coisas chegarem a esse ponto ...

JULES: E de que ia adiantar se eu voltasse atrás? O mundo vai chegar ao colapso completo mais dia, menos dia ... Quantos foram os avisos? Você estava lá, e sabe que eu destruí o mecanismo. A Máquina do Clima travou na Era Glacial, e ponto final!

MARIE: Mas você deixou suas pesquisas para a comunidade científica ...

JULES: É porque a Ciência é maior do que tudo isso! Eu sempre

digo, a Ciência sabe a saída! O mundo tem tantas mentes brilhantes - não tanto quanto a minha, é verdade. (desdenha) Alguém poderá me superar.

MARIE: Você não acredita mesmo nisso, não é!?

JULES: É uma probabilidade ... (outro tom) Mas então, como vão seus livros?

MARIE: Nos dois primeiros lugares da lista de best-sellers, em quase todo o mundo.

JULES: (gaba-se) Mas eu sou um personagem fantástico, não é mesmo? Um cientista louco, extremado, com um fino senso de humor e opiniões contundentes, como não se faz mais! Será que alguém entendeu o que eu disse?

MARIE: Tenho minhas dúvidas ... quer dizer, acho que só eu mesma consegui, digamos, assimilar as suas idéias.

JULES: Por aí você vê - até os jornalistas têm salvação!

MARIE: Não vamos começar com isso de novo ...

JULES: Não, é sério! Você me surpreendeu, de verdade! Quando a vi chegar em Avant-Garde, achei que minha promessa de contar a

minha história ao primeiro repórter que chegasse à cidade tinha sido um erro. Mas não foi - tenho que admitir, você tem talento, pelo menos acima da média para uma jornalista.

MARIE: Vindo de você, é um grande elogio.

JULES: É que eu estou ficando meio sentimental com esse negócio de ser executado ...

MARIE: Não deve ser fácil mesmo ...

JULES: O pior não é saber que se vai morrer - afinal, todo mundo vai, mais dia, menos dia ... A questão é que a humanidade, em milhares de anos, ainda não descobriu um jeito melhor de acertar suas diferenças, do que matar. Se não dá para entender alguém, corte-lhe a cabeça!, como diria a Rainha de Copas.

MARIE: É uma coisa meio cruel ... Mas você sabia das leis e provocou esse problema todo.

JULES: Não, Marie, não pense que estou me lamentando - só estou refletindo. Eu ainda me diverti, retardando a condenação com uma série de subterfúgios legais. É a coisa mais fácil do mundo - eles não conseguem condenar rapidamente nem mesmo um réu confesso e sem advogado como eu. Se eu não tivesse parado de brigar, a sentença ainda não teria saído.

MARIE: Por que, então, você parou de se defender?

JULES: Sabe aquela hora em que é melhor deixar o destino seguir seu curso, e parar de espernear? Pois chegou o meu momento! Pelo menos, tenho um consolo.

MARIE: Não vejo qual?

JULES: Morrerei pela Ciência - recebendo uma descarga elétrica de uma máquina que tem o poder sobre a vida e a morte. É mais uma vitória da Ciência, Marie! Todo cientista louco deveria experimentar.

MARIE: Acho que a sua classe está em extinção. A gente já não vê cientistas assim nem nos romances, muito menos nos noticiários - você deve ser o último da espécie.

JULES: De repente, devo ser o ápice da nossa evolução.

MARIE: Sua modéstia sempre me espantou!

JULES: Ah! Falando em modéstia, você nem sabe quem veio me visitar outro dia!

MARIE: Quem?

JULES: O bom e velho prefeito Saint-Clair. Ele está desesperado porque eu vou morrer e a Era Glacial vai continuar pra sempre. Queria me convencer a entregar os segredos da máquina ...

MARIE: É, as coisas não andam bem em Avant-Garde. Saint-Clair não vai ganhar mais nem eleição de condomínio.

JULES: Ele merece ...

MARIE: Mas Jules, sei que não devia dizer isso, mas você acabou me conquistando. Acho uma pena que uma pessoa como você morra, assim tão sem sentido.

JULES: Ora, Marie, tanta gente melhor do que eu foi morta sem motivo - Sócrates, Cristo, Gandhi, Lincoln - ih! não dá nem para contar. Eu, pelo menos, dei motivo. Isso é assim mesmo, faz parte.

MARIE: Você ainda acredita que suas três regras para o mundo sejam adotadas algum dia?

JULES: O que, aquelas regras!? Não, de jeito nenhum. Transgredir regras é mais forte que o ser humano. Se minha regras fosse: “sejam felizes, sejam felizes, e sejam felizes”, ainda assim ninguém iria aceitar. Eu sei que tentar impor as minhas idéias não foi a maneira mais fácil de mudar a história.

MARIE: Ah! Então você se arrependeu?

JULES: Me arrependi ... me arrependi de não ter feito isso antes - consegui provar que o ser humano prefere o erro, mesmo que o outro caminho seja mais fácil. Você, minha amiga, ainda consegue ter esperança na espécie humana?

MARIE: Claro que sim!

JULES: Ora, ora, assim você me decepciona ... Lembra a Bíblia? (Ela assente com a cabeça) Pois é, está cheia de histórias de gente que preferiu tropeçar na pedra que estava lá, quietinha, no meio do caminho, do que desviar ... Mas é um festival!

MARIE: Lá vem você falando mal da religião novamente ...

JULES: Não, não se trata disso. Eu só estou citando um best-seller. O fato da Bíblia ser um documento religioso, nesse caso, é irrelevante. É o exemplo humano que importa.

MARIE: Sei ...

JULES: Raciocine comigo - Noé, aquele do dilúvio, pregou, falou, esperneou e ninguém quis saber de pegar uma caroninha na Arca. E Deus, que é um cara bom, mandou aquela aguaceira pra levar a

escória na enxurrada! (Marie ri discretamente) Ah! E tem aquela mulher que, na hora de dar o pé lá de Sodoma, resolveu olhar pra trás. Pronto, tava feita a besteira - virou um saleiro gigante pra temperar churrasco.

MARIE: (rindo) Assim é covardia - você nunca vê o lado bom das coisas.

JULES: Lado bom!? Que lado bom?

MARIE: Ora, tem o Jó, que sofreu as provações que ninguém conseguia explicar - mas foi recompensado no final, e recebeu tudo o que tinha perdido em dobro.

JULES: Ah! É!? Então quer dizer que depois de ter perdido uma família - que já uma coisa difícil de aguentar - o camarada recebeu duas famílias de presente? Ah! Tenha paciência, Marie! Imagine só: duas sogras, dois cunhados colocando os pés no seu sofá, duas filhas adolescentes pra dizer - "papai, eu já não sou mais uma menina". Eu preferia ficar pensando!

MARIE: Tá bom, Dr. Tempestade, esquece a Bíblia, que olhando pela sua ótica fica difícil ...

JULES: Eu tive dois anos pra ler jornais, ver TV, ouvir rádio e ler os best-sellers de cada semana - eu e minhas grades de estimação.

Tive dois anos para ver se conseguia acreditar no futuro do Homem. Dois anos - sabe lá o que é isso? Férias prolongadas à custa do governo. E sabe o que eu concluí?

MARIE: Faço idéia ...

JULES: Que a gente se importa demais com o futuro da humanidade - e tudo leva a crer que não há futuro. Nem sei se há presente ...

MARIE: Você não está sendo razoável. Fique sabendo que, agora mesmo, tem mais de 200 pessoas, na neve, lá fora, gritando palavras de ordem e pedindo o fim da pena de morte. Eles querem que você seja solto.

JULES: É!?

MARIE: Juro!

JULES: Nossa! Tem maluco pra tudo mesmo, né?

MARIE: Eles acham a sua inteligência importante para o mundo. Modéstia à parte, eles foram influenciados pelo meu livro - “O pensamento **ainda** vivo do Dr. Tempestade”.

JULES: Eu adoro esse título! É muito perspicaz.

MARIE: Obrigado!

JULES: Olha, Marie, das duas uma: ou esse pessoal acha que, se eu não for executado, vou acabar terminando com a Era Glacial mais dia, menos dia, ou o frio fez mal à cabeça deles. Diz aí, não tem ninguém querendo ressuscitar Hitler ou Stalin?

MARIE: Ora, não dá pra comparar ...

JULES: Eu sei ... em dois anos, matei muito mais gente que Hitler em toda a 2ª Guerra. E esse pessoal ainda quer me ver livre, soltinho por aí? Quem é o psiquiatra dessa turma?

MARIE: Mas será que nem a compaixão dos outros você aceita?

JULES: Tô bem assim, na minha arrogância habitual. (outro tom) Marie, é que nada pode mudar essa condenação, e essas pessoas deviam estar cuidando de suas vidas ... não era a elas que eu queria atingir - por mim, eles hoje estariam felizes, aproveitando o verão para passear, comendo uma boa comida e não essa porcaria sintética que a ONU arrumou, para cobrir as perdas com a safra por causa da nevasca. Eles não têm culpa da insensatez dos líderes do mundo, muito menos da minha própria loucura. O que é que eu mereço, Marie? - voltar para Avant-Garde, ser o velho Jules D'Nantes, aturando um prefeito corrupto, uma cidade morta, crianças que nascem sem futuro? É isso que eu mereço?

MARIE: Você está muito amargo ...

JULES: Lembra de me dizer o que você sente, quando for executada com os fundilhos presos a um transformador de alta voltagem ...

MARIE: Não foi isso que eu quis dizer.

JULES: Desculpe, eu entendi ... (pequena pausa. Fala baixo). Chega aqui perto!

MARIE: O que foi? (chega perto)

JULES: Pegue meus óculos.

MARIE: Ué? Pra quê?

JULES: Pegue! É importante!

MARIE: Tá bom! (pega os óculos). O que eu faço com isso?

JULES: Antes me prometa que vai fazer tudo o que eu pedir ...

MARIE: Tá bom, Jules, eu prometo!

JULES: É o seguinte: depois que eu for executado, você vai

desmontar as hastes dos óculos. A esquerda tem um papel com a localização de um terceiro computador, ligado à máquina do clima. Ele tem todos os dados do que aconteceu até agora armazenados. Você vai encontrá-lo - é uma charada, daquelas que só Édipo conseguiria decifrar.

MARIE: (atônita) Mas ...

JULES: A outra haste tem um comando que deve ser digitado nesse computador, para reverter o processo da Era Glacial. Experimente os vários anagramas da palavra e vai encontrar o comando certo.

MARIE: Mas ...

JULES: Esse computador está ligado à minha segunda Máquina do Clima. (Marie fica ainda mais surpresa) Ela vai acabar com os estragos que eu fiz. Quero que você a entregue aos organizadores do Prêmio Nobel, com o seguinte recado: “Usem em favor da humanidade!”

MARIE: Mas ...

JULES: Mas o que, Marie?

MARIE: Isso pode salvar você, Jules! Eles têm um compromisso de comutar a sua pena se você revelar como mudar o que foi feito?

(vai sair, pensando em contar a novidade) Vou entregar isso ao Juiz.

JULES: Não, Marie! Não estou dando isso à você para ser salvo. Eu quero ter esse “contato imediato” com a cadeira elétrica!

MARIE: Você está delirando! Deve ter comido muito chocolate gelado na prisão.

JULES: Você não entende - eu só quero salvar esses inocentes, esses que estão lá fora gritando por mim, você que é alguém de quem gosto ... até mesmo o covarde do Saint-Clair e sua cidade fantasma. Vocês não têm que ser executados junto comigo, só porque os líderes do mundo não quiseram me dar ouvidos. Afinal, esses homens ainda vão morrer, ou serão depositos pelo povo, ou vão acabar seus dias lutando contra a sua consciência ...

MARIE: E aquela história de não ter mais esperança na humanidade?

JULES: Teatro, minha amiga - eu sou assim, meio Hamlet, meio Macbeth, meio Julieta - Você acha que alguém que passa a vida lutando para criar uma máquina para acabar com as intempéries climáticas para dar uma chance de desenvolvimento ao mundo, pode querer ver tudo destruído? Esse caos que eu gerei é uma semente de mudança.

MARIE: O que você quer dizer?

JULES: Você não vê? O povo está insatisfeito em todos os lugares, governos estão caindo, cidades buscando a auto-gestão para enfrentar a neve, os orçamentos militares desviados para a fabricação de cobertores, casas, roupas, alimentos sintéticos, estufas ... Não percebe, Marie? Em dois anos, o mundo mudou. Talvez seja essa a minha missão, afinal.

MARIE: E você precisa morrer por isso?

JULES: Não discuta, Marie - tem que ser assim, para que a mudança não pare. Eu sei o que estou dizendo.

MARIE: Não sei, não ... (entra um guarda, com um padre, para a última confissão do condenado)

GUARDA: Jules D’Nantes!

JULES: O que foi, escoteiro?

GUARDA: Você tem o direito de receber uma palavra de apoio e esperança por parte de um religioso ...

JULES: (contrariado) Eu dispensou!

GUARDA: Esse direito você não tem!

JULES: Eu já devia saber.

GUARDA: Senhorita, devemos deixar o condenado a sós com o padre por alguns momentos ...

MARIE: (saindo) Fique calmo!

JULES: Impossível! Ser preso, julgado, condenado, executado - tudo bem! Mas tortura não, nunca mais!

GUARDA: Dez minutos, padre.

JULES: Como é que era mesmo o monólogo de Hamlet*? Ah! lembrei! (ignora acintosamente o padre)

PADRE: Meu filho, você tem agora a oportunidade de se arrepender ...

JULES: “Ser ou não ser, eis a questão ... Qual será o caminho mais nobre? Suportar as pedradas e flechadas do destino cruel ou pegar em armas contra um mundo de dores e terminar com elas, resistindo?”

PADRE: (incomodado) Meu filho, você está às portas da morte ... por que ignorar o auxílio?

JULES: (empolgado, incorporando Hamlet) “Morrer, dormir - nada mais, dizer que o sono dá cabo do mal do coração e dos mil acidentes naturais a que nossa carne está sujeita - é, na verdade, um desenlace que todos nós fervorosamente podemos desejar.”

PADRE: (perdendo a calma) Jules D’Nantes - você precisa do perdão de Deus ... Escute ...

JULES: “Morrer! Dormir! - dormir, sonhar talvez? Sim, aqui está o ponto de interrogação: quais são os sonhos que podem sobreviver ao sono da morte, quando escapamos à tormenta da vida. Isto obriga-nos a refletir.”

PADRE: (à parte) Meu Deus, o que foi que eu fiz para merecer isso?

JULES: “É esta reflexão que prolonga por tão longo tempo a vida do miserável: quem quereria suportar as chicotadas e os desprezos dos tempos que vão correndo, as injustiças do déspota, as afrontas do orgulhos, as torturas do amor incompreendido, os vagares da Justiça, a insolência dos poderosos, os pontapés que o mérito paciente recebe dos indignos, quando para si mesmo podia alcançar a paz com a simples ponta de um punhal?”

PADRE: Mas que homem irritante! Jules, o julgo divino é mais pesado para aqueles que não se arrependem!

JULES: “Quem quereria gemer, suar sob o peso duma vida de cansaço, sem receio de alguma coisa depois da morte, esse páramo desconhecido de onde nenhum viajante volta? Ora, aqui está o que embaraça a vontade e nos decide suportar os males que sofreremos, com medo de ir ter com outros que não conhecemos.”

PADRE: Desisto! (grita) Guarda!

JULES: “Eis porque a consciência faz covardes de todos nós; (entram o guarda e Marie) eis porque as cores naturais de nossa resolução mais firme descolorem-se perante o clarão plácido do pensamento doentio e os projetos de grande alcance e de grande importância, graças a esta consideração, mudam de rumo e voltam ao nada da imaginação.”

GUARDA: Mas que diabo é isso?

MARIE: William Shakespeare.

JULES: Hamlet, terceiro ato, cena um - Ah! Há quanto tempo eu queria ter dito isso!

PADRE: E eu é que tive de aturar!

GUARDA: (repreende) Padre!

PADRE: Ora, fique você aqui dentro aturando esse ... esse ... anormal, para ver o que é bom!

JULES: (ironiza. Agarra-se na batina do padre) “Ofélia! Bela Ofélia! Ninfa, digna-te lembrar dos meus pecados nas tuas orações!”

PADRE: Me larga!

JULES: (gargalhando) Eu não podia deixar a fala inacabada, não é, gente?

PADRE: Esse homem não quer o perdão de Deus! (vai saindo)

JULES: Marie, veja se eu não tenho razão - o cara deve ter metade da minha idade, 10% do meu QI, e entra aqui me chamando de “meu filho”. E eu ainda tenho que ficar quieto?

PADRE: É o cúmulo! (sai)

JULES: (grita) Dá próxima vez que eu for executado, faço a cena do balcão de Romeu e Julieta!

MARIE: Jules, não deboche ...

JULES: Ah! Você perdeu - eu dei um banho, um show! (olha para o guarda) E você, tá olhando o quê?

GUARDA: É que está na hora.

MARIE: Ah! Meu Deus!

JULES: Regularam bem aquele troço? Olha que se falhar eu vou pedir indenização por danos morais!

GUARDA: (para Marie) Ele é seu amigo, não é?

MARIE: É, acho que sim!

GUARDA: O que leva um homem a agir desse jeito?

MARIE: Pergunte a ele!

JULES: (levanta) Onde é que vai ser o churrasco?

GUARDA: (balança a cabeça) Aqui mesmo. (uma pessoa entra empurrando a cadeira elétrica - um artefato em estilo rococó, como a máquina do tempo).

MARIE: Jules, ainda há uma chance - pense bem!

JULES: Pense bem você - tenho a sua promessa de que não vai interferir.

MARIE: (resignada) Eu sei ...

JULES: É bom você não ficar por aqui, porque eles erraram no tempero e o cheirinho pode não ficar muito bom depois de assado ...

MARIE: (abraça Jules, efusivamente, e chora. Ele fica sem reação) Eu gosto de você, velho rabugento! Pena que você é tão teimoso!

JULES: Vai, Marie, não molha minha camisa porque pode dar curto na cadeira elétrica. (Ela ri e se despede)

MARIE: Até breve! (saindo)

JULES: Pode deixar - quando eu descobrir o que há do outro lado, mando um novo best-seller pra você - :”Dr. Tempestade Além da Vida”. Ih! Gostei! Dá até uma peça de teatro. (O guarda o conduz para a cadeira. Marie sai. Jules é ajustado à cadeira. Foco apenas nele) Quem foi que disse que a Justiça é cega? (O guarda coloca a venda) Comigo, ela leu em braile ... (Jules é amordaçado. O guarda vai para outro ponto da cena, onde está

a alavanca da execução. Foco apenas nos dois. Momento de suspense. O guarda puxa a alavanca. Black-out)

EPÍLOGO:

(Alguns momentos depois, volta o foco à cadeira, que já está vazia. Um novo foco cai sobre Jules, que está tranqüilo, de pé, com uma postura distraída)

JULES: Caramba! Deu um comichão danado esse negócio! Que coisa maravilhosa que é a Ciência - uma máquina que despacha malas sem alça para o além ... (olha em volta) Bem, agora que cheguei, vamos ver o que há deste lado do muro ... (acena para o público e sai. Black-out)

FIM - 13/04/97

SOBRE O AUTOR

WILLIAM MENDONÇA

Poeta, cronista, dramaturgo e compositor,
nascido em Niterói - RJ, em 1968,
e radicado em Tanguá-RJ.

Seu trabalho artístico começou com a poesia, em 1985, com a participação em festivais e recitais. Publicou esporadicamente em jornais, revistas e blogs, com destaque para sonetos e poemas líricos. Participa de eventos culturais em Itaboraí-RJ há vários anos, apresentando seus poemas.

Também em 1985, iniciou-se no violão como autodidata, influenciado por Lô Borges, Milton Nascimento e os mineiros do Clube da Esquina e Oswaldo Montenegro. Também toca bandolim e cavaquinho. De 1986 a 1989 integrou grupos musicais em Niterói, como violonista, vocalista e compositor.

No ano seguinte, começou seu trabalho na área teatral, escrevendo peças. Participou do grupo teatral Parafernália, de Itaboraí, não só como ator e autor, mas

também dirigindo peças e oficinas teatrais e escrevendo trilhas sonoras para musicais.

Da experiência de 22 anos de trabalho no jornalismo, como redator e diagramador, iniciou-se também como cronista, publicando em jornais do interior do Estado do Rio, no site “Cronistas reunidos” e em blogs.

Também escreve contos no gênero da ficção científica, influenciado por nomes como Ray Bradbury e Phillip K. Dick, e tem especial interesse em biografias.

Trabalha como jornalista, na imprensa do interior do Estado do Rio - é diretor do jornal O VERBO, que circula em Tanguá e Itaboraí. Mantém em atividade desde 2006 o site **www.williammendonca.com**.

DR. TEMPESTADE

E-book criado por William Mendonça

O autor autoriza a distribuição gratuita
desde que o conteúdo não seja alterado
e que seja citada a autoria e a fonte.
Montagens apenas com expressa autorização do autor.

Publicado no site do autor em 30/09/2011
www.williammendonca.com

Contatos para montagens: will_mendonca@yahoo.com.br